



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de implantação do III Alto-Forno da Companhia Siderúrgica de Tubarão

Vitória – ES, 22 de abril de 2003

Para economizar tempo, porque nós precisamos visitar, ainda, o Pólo, e foi para isso que nós viemos aqui, eu quero cumprimentar o governador Paulo Hartung e o nosso companheiro José Armando, presidente da CST, e cumprimentar a todos os presentes.

Quero dizer para todos vocês que depois que nós ganhamos as eleições, no dia 27 de outubro, eu tinha assumido um compromisso com a minha consciência, com os meus companheiros, de que não ia perder tempo analisando e fazendo críticas ao Governo que tinha passado. Não que, às vezes, não tenha vontade. Até porque às vezes é mais fácil ficar criticando o que não foi feito pelo outro, do que justificar o que não está sendo feito por nós mesmo.

Mas eu tomei consciência de que não dava para ficar olhando para trás, fazendo críticas às mazelas do passado, sem levar em conta que um mandato de um Presidente da República é de apenas quatro anos e que o tempo passa muito rápido. Portanto, há que se trabalhar muito.

Eu confesso a vocês que, hoje, tenho saudade do tempo que trabalhava na Villares como torneiro mecânico, quando entrava às 8 horas da manhã, saía às 15 ou às 6h. A noite era minha, o sábado era meu e o domingo era meu.

Hoje, como Presidente da República, e acho que o mesmo acontece com você, Paulo Hartung, a gente não tem hora para entrar, não tem hora para sair, não tem sábado, não tem domingo. E, olha lá, que não tem nem dia de Natal e nem dia de Ano Novo, porque neste país, Carlos Wilson, Presidente da República não tem férias. Então, a gente trabalha muito mais.

E, cada vez mais, trabalho com o otimismo de que as coisas vão dar certo. E, para demonstrar isso, eu queria chamar o Carlos Wilson, para não deixar o José



Armando pensando que é só ele que dá notícia boa sobre investimento aqui no estado. Tenho uma notícia para dar, mas eu pretendo que o meu companheiro Carlos Wilson, companheiro da minha mais alta confiança, companheiro de verdade, de muitos anos, que hoje é o presidente da Infraero, eu queria que ele desse uma boa notícia para o Paulo Hartung não ficar apenas elogiando o José Armando. Que elogiasse, também, um pouco, o Governo.

Doutor Carlos Wilson: Pois não, Presidente. Hoje já foi dito, aqui, pelo nosso governador Paulo Hartung, é um dia de anunciar boas notícias para o Espírito Santo.

E eu fico extremamente honrado, meu amigo Paulo Hartung, de estar hoje, aqui, na sua terra, acompanhado do meu conterrâneo, Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e de toda a sua comitiva, com os ministros, com dona Marisa, com Cristina, para dizer que o Espírito Santo, Presidente, foi um estado extremamente penalizado no que se refere a investimentos do governo federal. Há pouco eu conversava com o nosso senador Gerson Camata e ele me dizia que, depois da Terceira Ponte, já se vão 15 anos, e nunca mais o governo federal fez um investimento de grande porte, aqui, no Espírito Santo.

E me dizia que, agora, com o anúncio que nós vamos fazer, nós vamos lançar, e eu estou, aqui, acompanhado da diretora de Engenharia da Infraero que, por sinal, é dona Marisa – pela primeira vez, a Infraero, que era uma empresa muito machista, tem uma mulher como diretora de Engenharia da Empresa –, vamos anunciar um investimento de modernização, de construção do terminal e da nova pista do aeroporto de Vitória. É um investimento de 266 milhões de reais, meu caro José Armando.

Então, como você anuncia investimentos tão grandes, aqui, para a nossa – e nós nos orgulhamos muito de dizer –, a nossa CST, eu também posso dizer, como Presidente da Infraero, que o Espírito Santo vai deixar de ser esquecido, porque o Presidente da República, agora, é Luiz Inácio Lula da Silva.

E você vai ter o investimento que nós precisamos, gerando emprego. Este



aeroporto, quando ficar pronto, Presidente, nós vamos ter 4 mil empregos diretos gerados. Com a obra, que vai durar três anos, nós vamos gerar 1.200 empregos diretos, meu caro José Armando, e de 5 a 6 mil indiretos.

Então, esta era a boa notícia que eu gostaria de dar ao povo do Espírito Santo, acompanhado do nosso presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Presidente: Eu também participei, hoje, de manhã, com o ministro da Justiça, da assinatura de um convênio entre o governo do estado e o governo federal para cuidar da segurança pública deste estado. O Ministério da Justiça tem uma proposta para a segurança pública. Estamos convidando os governadores que queiram participar desse programa para assinarem o acordo.

Muitas vezes, as pessoas exigem que o governo federal tenha uma ação mais pesada. Mas o governo federal não pode fazer intervenção nos estados. O governo federal não pode e não deve. Essa política tem que ser um jogo combinado. E nós fizemos um primeiro acordo com o governador Paulo Hartung, numa perspectiva de que Polícia Federal, Polícia Militar, Polícia Civil e, se for necessário, as Forças Armadas brasileiras, trabalhem conjuntamente. Para que a gente possa fazer com que as pessoas de bem reconquistem o direito de andar na rua com a sua família sem ser assaltado, à luz do dia, às sete horas da manhã, ao meio-dia, ou senão seremos dominados pelo crime organizado, como já fomos, em vários momentos da nossa história.

Tenho andado pelo Brasil, meu caro Paulo Hartung. Acho que, nesses últimos dois meses, inaugurei mais fábricas do que foi inaugurado em todo o ano passado. Já fui, com o Roger Agnelli, inaugurar a Alunorte. Nós já fomos inaugurar um pólo petroquímico em Mauá. Já fui inaugurar a fábrica da cooperativa Cocamar, lá em Maringá, no estado do Paraná. Já fui a Minas Gerais, inaugurar fábrica. Estamos, hoje, inaugurando mais um investimento. E o que tenho notado é que, pelo Brasil inteiro as pessoas voltaram a acreditar que é possível e necessário acreditar no país.



E não adianta tentar convencer um estrangeiro a acreditar no Brasil, se nós não acreditarmos. Ora, se o Presidente da República, se os governadores, se os senadores, se os deputados, se os sindicalistas não acreditarem no seu país, por que haveríamos nós de convencer um estrangeiro a acreditar? A primeira pergunta que eles farão para nós é a seguinte: “Vocês acreditam no Brasil?” Se falarmos “não”, eles falarão: “Então, não venham aqui pedir para que eu faça investimento.”

E por que acredito neste país? Primeiro, porque é inadmissível que um país com o potencial que tem o Brasil, com a base industrial que já tem, com a base intelectual que já tem o país, não dê o salto de qualidade que já deveria ter dado há algum tempo atrás. Convenci-me, desde 1989, de que um país como o Brasil não pode prescindir de um planejamento estratégico de longo prazo. Só se constrói uma grande nação se você pensá-la para 30, para 40, para 50 anos e não pensar apenas de eleição em eleição, que é um dos grandes defeitos do nosso país.

O político só pensa no tempo do seu mandato, como se a vida começasse e terminasse em função do seu mandato. A classe política brasileira, ao longo dos anos, foi perdendo consciência de que somos um instrumento da sociedade, eleitos, em algum momento, para cumprir uma determinada tarefa e que se fossemos pensar em curto prazo apenas, não teríamos um pólo petroquímico como temos no Brasil hoje; não teríamos uma indústria siderúrgica como temos no Brasil hoje; não teríamos uma indústria de celulose como temos hoje; não teríamos construído a ponte Rio-Niterói, não teríamos construído algumas das grandes ferrovias; a Vale do Rio Doce não teria investido tanto, porque tudo isso demora anos e anos e, muitas vezes, o político tem medo de morrer antes de ver a obra inaugurada.

Eu brinco sempre com a classe política, dizendo que o político brasileiro pensa apenas de quatro em quatro anos. Ou seja, se não der para fazer em quatro anos, é melhor não pensar, porque, aí, “eu não posso inaugurar, portanto, não vou ganhar”. Aliás, nem em saneamento básico o político brasileiro gosta de investir, porque saneamento básico significa enterrar dinheiro, significa cavar um buraco e colocar manilha, colocar um cano e não dá para você colocar o nome da mãe, do



pai, do tio em um cano, embaixo da terra. Então, você tem que fazer uma ponte, porque na ponte dá para você colocar, no viaduto dá para você colocar um nome.

Nós precisamos mudar essa lógica. Primeiro, não temos, enquanto dirigentes políticos, que tratar um país como se fosse um instrumento nosso e não um instrumento do país. Nós é que somos brasileiros, não é o Brasil que é nosso. Ou seja, nós é que temos que pensar o que queremos deixar para as novas gerações. E planejamento de longo prazo é que nem cuidar de uma criança: a criança não anda no tempo que a gente deseja que ela ande, e, muitas vezes, não anda por conta própria. Se a gente deixar uma criança andar por conta própria, ela pode demorar mais tempo do que deveria. Então, a mãe tem que ensinar, tem que comprar o carrinho. Quem não pode comprar um carrinho pega na mãozinha e tenta fazer a criança andar. Este é o papel do Governo.

O papel do Governo é ser o indutor, o planejador, o animador do processo de desenvolvimento de um país. Se não tem dinheiro para fazer, o Governo não tem que ter vergonha de chamar a iniciativa privada. Não tem que ter vergonha de fazer parcerias. O que nós não podemos é deixar de ver que este país é extraordinário, que tem, possivelmente, uma das classes trabalhadoras mais produtivas do planeta Terra. Eu tenho ouvido isso de empresários da Alemanha, da Holanda, que estiveram comigo esses dias, dizendo: “Olhe, os trabalhadores brasileiros, bem preparados, não perdem para nenhum trabalhador em lugar nenhum do mundo, em termos de competência, qualidade e produtividade”. E vocês, investidores estrangeiros, aqui, na CST, sabem disso.

Por isso é que nós precisamos investir na educação; na formação profissional dos nossos trabalhadores, dos nossos operários, para que a gente possa colocar qualidade nos produtos que a gente produz, porque é isso que vai dar condições de competitividade para o Brasil. Ninguém vai comprar do Brasil porque o Brasil é um país de Terceiro Mundo; ninguém vai comprar do Brasil porque o Brasil é o país do carnaval; ninguém vai comprar do Brasil porque o Brasil é o campeão de futebol; ninguém vai comprar do Brasil porque o Presidente do Brasil é isso ou aquilo. As



peessoas vão comprar na hora em que a gente oferecer, no mercado internacional, produtos a preços competitivos e com qualidade competitiva a qualquer outro país do mundo. É isso que vai nos dar condições de não ficar chorando o leite derramado.

Eu não agüento mais viajar pelo mundo e encontrar um Presidente de país latino-americano, e ele ficar jogando a culpa das desgraças do Terceiro Mundo em cima do imperialismo não sei da onde, do desenvolvimento dos países ricos, do imperialismo americano. É uma bobagem. Nós não somos vítimas de nada, nós somos vítimas da nossa competência ou da nossa incompetência. Nós temos que acreditar em nós mesmos. Foi por isso que eu tomei a decisão de que não vou ficar olhando para trás. Eu tenho é que olhar para a frente. Eu tenho é que decidir, com o povo brasileiro, o que nós vamos fazer a cada mês, a cada ano, a cada hora. Há muito o que fazer. Tem pouco dinheiro? Tem. Mas isso tem que ser tratado como na nossa casa. Se tem pouco dinheiro, a gente economiza de um lado, aperta o cinto do outro, não compra uma coisa supérflua aqui, compra apenas o necessário, mas vai tocando o barco. E assim é que a gente constrói uma Nação.

Outro dia eu disse: o BNDES é um grande banco de investimentos. Não é pequeno não, não é pouca coisa. Poucos países do mundo têm um banco de fomento como temos o BNDES. Agora, como é que nós temos que tratar o BNDES? Temos que cuidar para que cada real emprestado pelo BNDES tenha como contrapartida a geração de desenvolvimento, de um posto de trabalho, de um salário, de distribuição de renda. O Banco do Brasil, meu caro Furlan, tem muita possibilidade de investimento. Este ano, só para se ter uma idéia, nós vamos investir 3 bilhões a mais no financiamento da agricultura. E com uma vantagem: antes os agricultores recebiam o dinheiro no mês de setembro ou outubro, quando já estava vencendo a safra. Agora, vão receber em maio. Nós vamos dar o dinheiro antes, para que as pessoas peguem o dinheiro e façam os investimentos necessários.

Eu acredito que se o Presidente da República, os governadores de estado e a classe política acreditarem neste país, não há porquê a gente não passar otimismo à



sociedade e eu acho que as coisas vêm juntas. Todo mundo sabe que o meu sonho é melhorar a vida deste povo. Todo mundo sabe que o meu sonho é melhorar a vida do povo pobre deste país. Isso não é um discurso, isso está na minha história, isso está nas minhas origens, isso está na minha cara. Agora, para fazer isso – eu só posso dar um presente para o meu filho se eu tiver dinheiro. Quantas vezes eu já fui obrigado a dizer para o meu filho: não dá. “Ah, pai, mas eu preciso fazer uma viagem”. Não dá. Então, você tem que tratar o povo como se trata um filho, da forma mais carinhosa possível, mas sem fazer o que fez a elite governante deste país, ao longo dos últimos anos.

Por que nós precisamos fazer reformas da Previdência Social e reforma tributária? Para mim seria muito mais cômodo, meu querido senador Gerson Camatta, fazer o que os outros fizeram, empurrar com a barriga. Para quê eu vou me desgastar com os meus companheiros que me elegeram? Sabe por quê? É porque eu não estou pensando na próxima eleição, eu estou pensando é neste país. Eu tenho um filho com 18 anos e daqui a 30 ou 40 anos ele terá que ter direitos. E se o Estado brasileiro continuar do jeito que está, ninguém vai ter direito neste país, porque não tem dinheiro para pagar. E alguém tem que dizer quem é que vai pagar a conta, quem é que vai arrumar o dinheiro para pagar.

É por isso que nós vamos fazer as reformas. E vamos fazê-las da forma mais tranqüila. Não haverá um único setor nervoso da sociedade com o qual nós não teremos uma conversa. Não haverá setor, por mais bravo que esteja, onde o Presidente da República não terá boas e muitas horas para conversar, seja ele empresarial, sindical, ou político. Nós precisamos, em determinado momento da história do nosso país, deixar de pensar na nossa sobrevivência enquanto político e pensar um pouco neste país, saber o que cada um de nós pode dedicar ao Brasil nos próximos anos.

No Brasil, sempre se discutiu que não se poderia fazer as coisas porque custava muito dinheiro. Agora, imaginem vocês o quanto custou para o Brasil não ter alfabetizado o nosso povo na década de 60 ou na década de 50. Imaginem o quanto



custou para este país a gente não ter feito a reforma agrária quando o mundo inteiro fez, na década de 40 ou 50. Imaginem vocês o quanto custou para este país e o quanto custa a gente não ter feito investimentos na manutenção da infra-estrutura brasileira. Porque, se você não tem dinheiro para fazer uma obra, todo mundo compreende: “Ora, não tenho dinheiro para fazer uma obra”. É como um marido ou uma dona de casa dizer: “Não tenho dinheiro para comprar uma televisão”. Agora, o que a gente não admite é que não tenhamos competência de fazer a manutenção naquilo que já está pronto, porque deixar uma estrada asfaltada acabar e virar pó, deixar uma ferrovia acabar e virar pó significa, simplesmente, incompetência e desleixo. E isso não vamos ter.

Por isso, quero que vocês tenham certeza, sobretudo, os investidores estrangeiros. Neste país, temos que provar algumas coisas. E é importante que todos vocês compreendam que este país não elegeu um Presidente da República da forma como estávamos acostumados a eleger. Este país elegeu um pedaço da história deste país, que não pode falhar, porque, se falharmos, iremos criar uma frustração enorme naquilo que existe de mais organizado na sociedade brasileira. E, se não fôssemos persistentes, este país já poderia ter virado uma Colômbia, este país já poderia ter caído na desesperança total. E não vamos deixar essa esperança que está no semblante de cada homem ou de cada mulher cair no limbo. Podem ficar certos disso.

Nós temos quatro anos para dedicar cada dia a conversar com quem quer que seja, no Brasil e no exterior, com trabalhadores e com empresários, com desempregados e com aposentados, com quem gosta do Governo e com quem não gosta do Governo. Não iremos medir sacrifícios para ter todas as conversas de que este país precisa para fazer todos os investimentos de que esse país precisa para que possa se transformar numa grande nação.

E, aí, é preciso ter coragem para fazer política internacional mais ousada. É preciso recuperar o prestígio que o Brasil jamais deveria ter perdido na América do Sul. É preciso abrir novos espaços, porque é uma vergonha a relação comercial



Brasil-Japão, muito pequena para a economia dos dois países, como é muito pequena a relação comercial Brasil-França. Muitas vezes, o Brasil faz política internacional de forma sentimentalista. E nós não estamos mais na fase do sentimentalismo. A globalização exige competência para fazer negócio. E o Brasil vai ter que brigar muito na Organização Mundial do Comércio.

O companheiro Furlan, quando foi chamado para ser ministro, eu disse a ele – eu nem tinha muita amizade com o Furlan; eu não montei um clube de amigos para serem ministros, eu queria escolher as pessoas competentes em cada área para cumprir com a sua tarefa –, e disse ao Furlan: a sua tarefa é ser um mascate. Você vai ter que vender os produtos brasileiros no exterior, o máximo que você puder fazer, porque nós precisamos de reservas para poder financiar as nossas exportações, para poder nos dar crédito, para a gente poder continuar crescendo. Isso foi dito para cada ministro.

Quero dizer, agora, para você, meu caro José Armando: você não vai se arrepender, muito menos os membros do Conselho e da Direção da CST, pelos investimentos que vocês estão fazendo aqui, porque vocês vão precisar fazer muito mais, porque o Brasil vai vender muito mais do que está vendendo agora.

Vocês são todos jovens, não perdem por esperar. Quatro anos parece muito, mas, quando nos dermos conta, já chegou o final do mandato. E eu quero fazer uma comparação do crescimento econômico, da renda salarial, da distribuição de renda, do saneamento básico, da qualidade da saúde, com os que passaram antes de mim, para a gente ver que não era tão difícil começar a resolver os problemas do Brasil.

O que faltou, na verdade, foram governantes mais comprometidos com este país. E, sobretudo, que acreditassem cegamente no potencial deste país. Toda vez que este país acreditou nele próprio, deu um salto de qualidade. Toda vez que ele foi planejado em médio prazo, este país deu um salto de qualidade. Mas, quando ele foi pensando de forma mesquinha e apenas eleitoralmente, nós caímos.

Vocês precisam lembrar que, o ano passado, no final do ano, havia um risco-Brasil de 2.400 pontos, o dólar a quase 4 reais, e não havia um dólar de crédito para



o financiamento das nossas exportações.

E agora, tudo está voltando à normalidade: o risco-Brasil já está em 800; o dólar, já tem gente querendo que ele não caia mais; os investimentos estão voltando. E este país não vai pedir favor. Este país vai fazer política e vai conquistar um espaço que ele tem direito.

Muito obrigado.

/mcpro/lrj/vpm